

## Morfologia lexical no português médio

variação nos padrões de nominalização

Graça Maria Rio-Torto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RIO-TORTO, GM. Morfologia lexical no português médio: variação nos padrões de nominalização. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 305-322. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



# Morfologia lexical no português médio: variação nos padrões de nominalização<sup>1</sup>

Graça Maria RIO-TORTO  
Universidade de Coimbra

## Introdução

Um período alto de grandes mudanças na história da língua portuguesa é o que se materializa no chamado português médio, ou português arcaico da segunda fase, que coincide com as mudanças operadas na língua e na sociedade portuguesas nos anos de apogeu da dinastia de Avis.

Trata-se de um período que recobre a centúria de 1375-1475 e que estabelece a transição entre o galego-português e o português moderno (com início em 1500) e a que, pelo facto, Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1930, p. 31) chama de “transição”.

Segundo Cardeira (2005, p. 286-287), nesta fase decisiva para a nova face do português, há um intervalo temporal crucial de inversões de tendências, que se situa entre 1425-1475. Também Castro considera que "o período que medeia entre o reinado de D. Fernando [1345-1383] e o reinado de D. Afonso V [1438-1481] foi, do ponto de vista linguístico, aquele em que a língua portuguesa mais rápida e essencialmente se transformou" (CASTRO, 1993, p. 97).

Neste período da história do português, destacam-se os cronistas Fernão Lopes e G. Eanes de Zurara, e bem assim os príncipes de Avis (D. João I, D. Duarte, D. Afonso V, D. João II, D. Manuel I e D. Pedro, Duque de Coimbra). Estes desempenharam um papel do maior alcance na modernização do Portugal de então. As marcas desta geração são indeléveis na renovação da sociedade, da cultura e da língua portuguesas (MATTOS E SILVA, 2002, p. 38).

---

<sup>1</sup> Este estudo inscreve-se nas actividades de investigação desenvolvidas no CELGA (Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada), Unidade de Investigação e Desenvolvimento (nº 17/287) financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, e tem como instituição de acolhimento a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. <http://www.uc.pt/uid/celga/>

Em paralelo com as mudanças na grafia e na fonologia já amplamente estudadas, ocorreram então mudanças no âmbito da morfologia derivacional que tiveram repercussões de então para cá ainda não totalmente escrutinadas no léxico.

São algumas dessas mudanças que aqui me proponho evidenciar. Tomarei como referência as alterações verificadas no paradigma de nominalização deverbal sufixado em *-mento*, *-ção* e *-nça*. Estes sufixos são dos mais ilustrativos dessas alterações, e as vicissitudes que sofreram nesta época contribuíram de forma decisiva para a nova configuração do paradigma genolexical do português moderno. Os sufixos em causa, porque servem a expressão de nomes de processos, estados e conceitos correlatos, são os mais propícios à codificação das representações e das realidades conceptuais e especulativas que a reflexão da época fez proliferar. Subsidiariamente, analisam-se também alguns aspectos da formação de nomes de estado deadjectivais.

## 1 O português médio: alguns traços

Como assinala Galves (2006, p. 48), "Na periodização da história da língua portuguesa [...] há dois pontos de inflexão que correspondem ao surgimento de novas gramáticas: a fronteira entre os séculos 14-15, e o início do século 18".

São alguns dos traços marcantes da transformação que caracteriza o português médio (CASTRO, 2006; MAIA [1986] 1997, 1994, 1995, MATTOS E SILVA, 1989, 1994, 2002, 2008) que se elencam de seguida:

- (i) a síncope de *-d-* intervocálico no morfema número-pessoal da 5ª pessoa dos verbos e a resolução ditongada do encontro vocálico subsequente;
- (ii) a eliminação de uma grande parte dos encontros vocálicos decorrentes da síncope de *-l-* e de *-n-* intervocálicos (ainda que nem todos os hiatos estivessem eliminados no início do século XV);
- (iii) a unificação em *-ão* das terminações nasais de nomes e de verbos;
- (iv) a grafia *-vel* adquire a configuração <vil> entre 1440-1450 (CARDEIRA, 2005, p. 229);
- (v) a crescente redução do sistema de quatro sibilantes a dois fonemas predorso-dentais;
- (vi) a bimorfização do género dos nomes terminados em *-or* e em *-ês* (MAIA, 1994, p. 43)
- (vii) a substituição, no sistema de possessivos, das formas átonas pelas tónicas.

A obra de D. Duarte é ilustrativa do período sob escopo e das mudanças que o caracterizam. Trata-se de um conjunto de textos linguisticamente marcantes e inovadores, de que se destacam o *Livro dos conselhos de El-Rei D. Duarte*, conhecido por *Livro da Cartuxa* (cf. DIAS, 1982), o *Livro da ensinança de bem cavalgar* e o *Leal Conselheiro* (cf. PIEL, 1942), composto entre 1428-1438, cuja relevância Oliveira Martins sintetiza da seguinte forma:

*O Leal Conselheiro*, sendo um dos diplomas iniciais para a história da língua portuguesa, é ao mesmo tempo um monumento considerável para a história paralela da secularização do pensamento iniciada no século XV. Do mesmo modo que a *linguagem*, como se dizia do falar vernáculo, ia servindo para mais do que os usos familiares, invadindo a esfera da ciência e das letras: do mesmo modo esses produtos superiores do pensamento iam deixando de ser o apanágio exclusivo da clerezia, que tinha no latim uma das causas das suas regalias sociais (OLIVEIRA MARTINS, 1993 [1891], p.135).

Com efeito, no que diz respeito à síncope de *-d-* intervocálico no morfema número-pessoal (quinta pessoa), D. Duarte usa formas verbais sincopadas (V+ees, e já não V+edes), de acordo com o padrão mais avançado da corte e da escrita, onde as formas sincopadas predominam claramente sobre as plenas, com /d/ intervocálico. O grande salto (de 20% para 100%) na síncope de *-d-* na segunda pessoa do plural tem lugar precisamente entre 1410-1438 (CARDEIRA, 2005, p. 180), e é visível na obra *Livro da ensinança de bem cavalgar* de D. Duarte. Como assinala Leite de Vasconcelos (1928), no *Leal Conselheiro* coexistem ainda formas sincopadas (*dizee, fazes, queiraes*), as preferidas por D. Duarte, com as não sincopadas (*fazede, arredade, convertede*), que o rei usa quando transcreve textos mais antigos.

Outra mudança marcante deste período consiste na substituição dos participios em *-udo* dos verbos da 2ª conjugação pela configuração *-ido*. Dos dois momentos altos dessa mudança – 1300-1330 e 1410-1438 –, este está representado na obra *Livro da ensinança de bem cavalgar* (CARDEIRA, 2005, p. 216) de D. Duarte.

Observemos agora as inovações registadas no *Livro dos conselhos de El-Rei D. Duarte*, no que diz respeito à convergência em *-ão* de sequências nasalizadas (verbais e nominais) em contexto final. De acordo com Cardeira (2005, p. 163), nesta obra D. Duarte utiliza 39,6% de grafias não etimológicas nos nomes em *-ONE*, face aos 33,7% registados nos textos não literários analisados pela autora.

A grafia não etimológica de *-ão* (no que respeita a *-TIONEM*: *-çõ, -çom > -çam > -çãõ*) é crescente na segunda metade do século XIV, e acentua-se a partir de 1400-1424 até 1475, com grandes picos em 1375 e em 1450-1475 (CARDEIRA, 2005, p. 152).

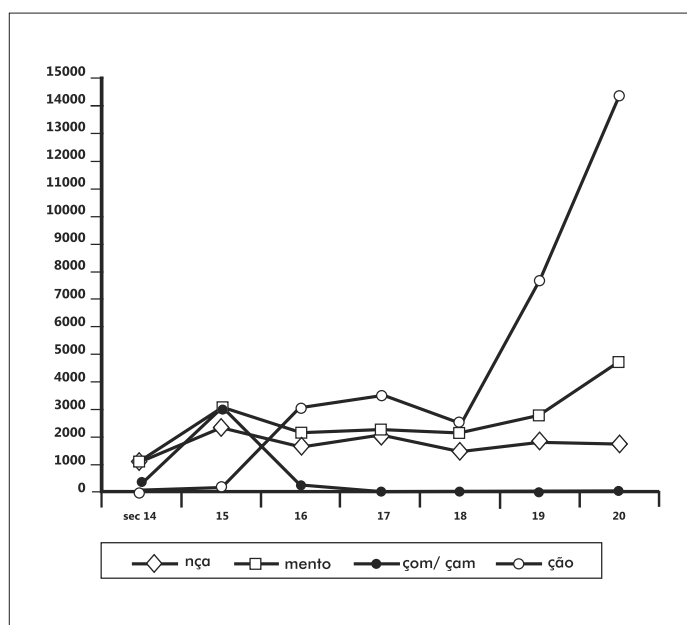
Pelo exposto, verifica-se que o português literário da geração de Avis e, de alguma forma também o português dos séculos XIV e XV, já se distanciou significativamente da língua dos cancioneiros, apresentando uma face renovada que reflecte todas as mudanças da sociedade em que era usado e produzido: a deslocação dos centros decisores culturais, políticos e militares do norte para o centro-sul; as transformações sociais decorrentes da crise de 1385, com a crescente influência da burguesia e da classe alta renovada que emergia da crise da independência.

## 2 Os sufixos no /www.corpusdoportugues.org/

A consulta do vasto /www.corpusdoportugues.org/,<sup>2</sup> com os seus milhões de dados extraídos de fontes textuais diversas, pode dar-nos uma panorâmica da evolução em termos de representatividade de cada um dos operadores derivacionais que nos propomos analisar.

Para tal, procedemos a uma busca das ocorrências (apenas no singular) dos nomes portadores dos sufixos *-mento*, *-ção*, *-nça*, e das variantes *-çom* e *-çam*, por forma a obtermos uma imagem do número de ocorrências por milhão de cada sufixo, em cada século. Os resultados dessa pesquisa estão plasmados na figura que se segue.

Figura 1: Número de ocorrências de nomes em *-mento*, *-ção* (*-çom*, *-çam*) e *-nça*, por século e por milhão (www.corpusdoportugues.org)



A representatividade dum sufixo não pode ser aferida apenas quantitativamente, mas deve também ter em conta o seu peso no interior do sistema derivacional, o qual decorre da informação semântica que carrega, das áreas conceptuais em que é usado e das combinações em que entra. Com todas as limitações que estas generalizações implicam, um gráfico como o que acima se reproduz mostra que:

- (i) O intervalo entre os séculos XV e XVI corresponde a uma fase de profundas alterações no paradigma de representatividade dos sufixos *-mento*, *-ção* / *-çom*, *-çam*, e *-nça*.
- (ii) Em termos absolutos, *-ção* é o sufixo mais representado ao longo dos séculos (sobretudo depois do séc. XVI, e para tal muito contribuindo também o séc. XX), sendo seguido por *-mento* e só depois por *-nça*.

<sup>2</sup> Consulta realizada em 19 de Junho e em 21 de Dezembro de 2009.

- (iii) A baixa representatividade de *-ção* nos séculos XIV e XV é correlata do facto de neles ainda se registar grande ocorrência das variantes *-çom* e *-çam*. O declínio das variantes *-çom* e *-çam*, consumado no século XVI, é contrabalançado com a maior representatividade que *-ção* acusa neste mesmo período: o número de ocorrências de *-ção* decuplicou do século XIV para o sec XVI. O incremento abissal de ocorrências no século XX está certamente relacionado com o facto de ser o sufixo compatível com os sufixos verbalizadores *-iz-* (*legalização, idealização*) e *-ific-* (*falsificação, santificação*), abundantemente usados na actualidade.
- (iv) O sufixo *-mento* acusa um ligeiro declínio de representatividade a partir do século XV, justamente quando *-ção* lhe ganha terreno no mesmo paradigma derivacional. Em 1536, na sua *Gramática da Linguagem Portuguesa*, Fernão de Oliveira (2000, cap. XLII, p. 140) é sensível a nomes deverbais em *-mento* já considerados antigos e caídos em desuso.
- (v) *-nça* sempre foi um sufixo singular, sendo aquele que se apresenta mais monotónico em termos de representatividade a partir do século XVI. No século XIV dominava ligeiramente, sob o ponto de vista numérico, sobre os demais. O século XV foi o seu momento de apogeu, mas mesmo assim regista uma taxa de ocorrência inferior à de *-ção* ou à de *-mento*. A este período áureo, a que não é alheia a prosa doutrinária, eloquente e as traduções de Avis, sucede um progressivo declínio: do século XV para XVI as ocorrências do sufixo sofreram uma quebra significativa, quer em termos absolutos, quer em termos relativos, pois passou a ser o sufixo menos representado dos três.

Para Maia (1995, p. 27-28), o período que vai da segunda metade do século XV e o princípio do XVI corresponde às fases finais de todo o processo de mudança: a de selecção, em que ocorre o uso alternado de formas concorrentes, e a de mutação, em que uma das formas se eleva à categoria de constante.

Como veremos, a coexistência de algumas formas corradicais diversamente sufixadas no mesmo recorte sincrónico da língua leva a crer que as alterações registadas terão certamente sido desencadeadas de forma gradual; a adopção na norma da indisponibilidade de *-nça* como sufixo nominalizador, e a concomitante reconstrução do sistema, deve coincidir com o termo do português médio.

Nas secções seguintes observaremos de que modo se manifestam estas mudanças em alguns textos concretos desta fase da história de língua.

Os dados históricos relativos ao funcionamento de cada um destes sufixos em latim não são suficientemente elucidativos sobre as motivações que possam explicar o percurso de cada operador no português arcaico.

A observação do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, levada a cabo por Olcott (1898), revela que o sufixo *-TĪO* (*ADMIRATIO, COMMEMORATIO*) é o mais numerosamente atestado (1450 derivados) em todos os períodos e níveis do latim considerados.

Já -NT-ĪA deve ter sido prevalente em *Sermo Vulgaris*, havendo sido registados 343 derivados (ABUNDANTIA, ABSTINENTIA, OBSERVANTIA). Quanto a -MENTUM, de que se recolheram apenas 55 abonações (v.g. ADORNAMENTUM, INCREMENTUM), são muitas as dúvidas quanto à sua real produtividade em latim: como afirma Olcott (1898, p. 123),

If there was any significant choice of suffix in the later period [6<sup>th</sup> and 7<sup>th</sup> cent.], all that can be said is that *-men* tended to be used form concrete substantives, and *-mentum* to become abstract; and this gradual differentiation unquestionably arose out of the earlier *sermo vulgaris*.

### 3 Os sufixos no *corpus* de Juliana Coelho (2004)

Juliana Coelho (2004) estuda um amplo conjunto de operadores sufixais em fontes textuais diversas do português medieval nas suas primeira e segunda fases.

As taxas de abonação de cada sufixo variam seguramente em função dos tipos de textos em que ocorrem. Não obstante, os dados numéricos que se podem extrair de uma análise deste tipo reflectem o peso relativo de cada sufixo no paradigma de que faz parte. Posto isto, observemos os dados coligidos pela autora.

**Quadro 1: Número de ocorrências de nomes portadores dos sufixos mencionados (COELHO, 2004)**

Sufixos	Ocorrências e % na 1 <sup>a</sup> fase do português	Ocorrências e % na 2 <sup>a</sup> fase do português (1440-1533)	Ocorrências e % de cada sufixo relativamente ao <i>corpus</i> total dos nomes portadores destes sufixos
-mento	79 [32,5%]	144 [41%]	223 [37,5%]
-ção <sup>3</sup>	87 [35,8 %]	110 [31,4%]	197 [31,2%]
-nça	77 [31,7 %]	97 [27,6%]	174 [29,3%]
Total	243 [100%]	351 [100%]	594 [100%]

Na primeira fase a taxa de representatividade de cada sufixo é bastante similar, sendo -ção (e -çom) o sufixo ligeiramente mais abonado. Na segunda fase, -mento ganha terreno, distanciando-se de -ção em cerca de 10%. O sufixo -nça é o menos representado em ambas as fases.

Todavia, na medida em que o número de ocorrências está indexado a um dado *corpus* textual, podendo variar em função da natureza tipológica das fontes,<sup>4</sup> optámos por proceder a uma análise das ocorrências por lemas (e por obra, na segunda fase), comparando à luz deste parâmetro a primeira com a segunda fase.

Os resultados plasmados no quadro seguinte apontam para uma ligeira prevalência de -mento sobre -ção, maior na primeira fase que na segunda, e um lugar mais modesto reservado a -nça.

3 Em Coelho (2004), as tabelas de -ção incluem as grafias -çãe e -çom.

4 As fontes em jogo são de autores diversos (Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara, Garcia de Resende) e de tipologia textual diversa — VFJCésar 1466 é uma tradução e os demais textos são originais e escritos em português —, o que, constituindo uma fonte de riqueza, pode também determinar diferenças de representatividade de cada sufixo.



**Quadro 2: Número de lemas de nomes portadores dos sufixos *-mento*, *-ção* e *-nça* no português médio (extraídos com base nos dados de COELHO, 2004)**

Sufixos	CDPedro 1440-1450	CDPMenezes 1463	VFJ César 1466	VFD João II 1533	Total: 2ª fase secs 15 e 16	Total: 1ª fase secs 13 e 14
-mento	24	36	29	34	123 (47,1%)	70 (39,1%)
-ção	18	19	11	32	80 (30,7%)	64 (35,8%)
-nça	16	17	12	13	58 (22,2%)	45 (25,1%)
<b>Total</b>					<b>261</b>	<b>179</b>

Poderíamos extrair conclusões porventura mais arrojadas deste materiais se soubermos qual o universo numérico de lemas das cem páginas de cada uma das obras compulsadas; assim não sendo, não é possível estabelecer correlações quantificadas (percentuais) dos dados presentes no quadro acima com o total de lemas compilado.

Em todo o caso, os dados apurados com base na quantificação das ocorrências e com base na quantificação dos lemas são convergentes, para cada um dos sufixos, quer em termos absolutos, quer em termos relativos.

É possível observar que dos três sufixos, *-nça* é o menos representado, seja em qualquer uma das obras (12 a 17 lemas), seja em qualquer um dos momentos temporais em causa (total de 58 lemas na segunda fase e de 45 na primeira).

O sufixo sempre mais representado é *-mento* (123 lemas na segunda fase e 70 na primeira), subindo a sua representatividade de 39,1%, na primeira fase, para 47%,1 na segunda fase. O sufixo *-ção* acusa uma descida da primeira fase (64 lemas: 35,8%) para a segunda fase (80 lemas: 30,7%). Todavia, na VFD João II (1533), os valores de *-ção* (32 lemas) estão muito próximos dos de *-mento* (34 lemas), distanciando-se significativamente dos de *-nça* (13 lemas).

Cruzando os dados extraídos do /www.corpusdoportugues.org/ com os de Juliana Coelho, verifica-se uma acentuada coincidência nos resultados obtidos e nas respectivas perdas e ganhos da primeira para a segunda fase do português. Em ambas as bases de dados, e se tivermos em conta apenas os recolhidos até ao século XVIII (excluem-se os séculos XIX e XX, de grande expansão editorial), a representatividade dos sufixos em análise é idêntica: *-mento* ocupa o primeiro lugar em termos de representatividade, *-ção* o segundo e *-nça* o terceiro.

O sufixo *-mento* vê a sua produtividade subir da primeira para a segunda fase, estando maximamente representado no século XV. As grafias *-com* e *-cam* são praticamente inexistentes na segunda fase e, a partir do século XVI, *-ção* estabiliza a sua posição na escala sufixal traçada. O sufixo *-nça*, que registara um momento de apogeu no século XV, não mais cessará de ver a sua representatividade a declinar.

Lapidares nos materiais explorados por Juliana Coelho são



- (i). os casos de coexistência de variantes corradicais, como *governação* e *governança*, com uso praticamente equivalente que se propagará até à actualidade,<sup>5</sup>
- (ii). os casos marcados por † que representam palavras ausentes do português moderno.

Algumas deixaram de fazer parte do léxico mental dos falantes, como os nomes elencados em (1):

- (1) *contradizimento, departamento, desfazimento, desnaturamento, empecimento, encedimento, exalçamento.*

Outras foram substituídas por palavras corradicais, mas com nova estrutura morfológica (2):

- (2) †*cuydações* por *cuidados*, †*defemsão* por *defesa*, †*começamento* por *começo*, †*fallamento* por *fala*, †*fornymemto* por *fornecimento*, †*difendimento* por *defesa*, †*mudamento* por *mudança*, †*rrecompensamento* por *recompensa*, †*saymento* por *saída*.

Pelo contrário, poucos são os nomes em *-ção* que não se perpetuam até ao presente, assim acontecendo com *cuydações, repartições, soplização*. Este sufixo é, com efeito, o que menos perdas regista do português médio até ao presente. Continuamos a usar, com configurações gráficas naturalmente diferentes (3):

- (3) *comgregação, comparações, confirmação, consollação, contradizam, conversaçom, criação, declaração, diffinções, doaçom, execuçom, imposiçam, invençom, negoceações, rremdyção, rrepreensom, rrepresentação, traiçom, trelladaçom, entre muitos outros.*

No caso de *-mento*, os nomes marcados por † representam cerca de dezena e meia, num universo de 123 lemas, ou seja, cerca de 14,6%. São eles:

- (4) *começamento, contradizimento, departamento, desfazimento, desnaturamento, desperçebimento, difendimento, empecimento, encedimento, exalçamento, fallamento, fornymemto, mudamento, rrecompensamento, saymento.*

5 De acordo com fontes documentais disponíveis, *governança* continua a ser muito atestado no Brasil. Em pesquisa realizada em 28.02.2010 na *Folha de São Paulo* (<http://www1.folha.uol.com.br/>), foram registadas 928 ocorrências, de que se reproduzem dois exemplos: (1) *Folha Online - Dinheiro - Governo conclui MP que pretende reestruturar e aumentar receita dos Correios - 08/02/2010* "... O terceiro ponto do plano é a modernização da **governança** corporativa da empresa, que deve inclusive mudar de nome..."; (2) *Folha Online - Mundo - Zelaya sai asilado ou se entrega à Justiça, diz governo interino - 10/12/2009* "... que seus advogados, e ele tem bons advogados, façam as defesas pertinentes", disse o ministro de **Governança** do governo interino, Oscar Matute". Num sector tão importante como o da hotelaria, a *governança* pode denominar quer a gestão do hotel, quer, mais restritamente, o serviço (e a equipa) da governanta e das camareiras que se ocupam da logística, limpeza e arrumação dos quartos.

No cômputo geral das palavras coligadas, ressalta o facto de serem em *-nça* as palavras que mais abundantemente deixaram de fazer parte do léxico moderno ou sofreram concorrência com outros nomes isofuncionais:

- (5) *avondança* foi substituído por *abundância*; *comtenemças* foi substituído por *continenência*; *conhecenças* foi substituído por *conhecimento*; *husança*, já então com abonações residuais, foi praticamente substituído por *uso*; *mostrança* foi substituído por *mostra*; *peendença* foi substituído por *pendência*; e *prellomgamça* foi substituído por *prolongamento*.

Trata-se de sete palavras a que correspondem 10 ocorrências, num universo de 58 abonações em *-nça*. As perdas deste sufixo cifram-se, pois, em cerca de 17,2%, pelo que se trata do operador que mais usura acusa até ao presente.

Para analisarmos cabalmente os movimentos de cada um dos sufixos e dos derivados em que ocorrem, teríamos de possuir dados criteriosos sobre o percurso de cada palavra ao longo dos tempos. Um tal conhecimento traria mais luz sobre as condições de uso de cada sufixo e sobre as motivações das vicissitudes que *-mento*, *-ção* e *-nça* sofreram. Em todo o caso, deve ter-se em conta que o paradigma em que estes sufixos se inscrevem abunda em formas concorrenciais, pelo que não admira a pressão que sobre estas se fez sentir em ordem a uma sua reordenação mais otimizada.

## 4 Léxico e padrões de derivação

O léxico e os padrões de derivação de uma língua não são imunes às mudanças desta. Sabemos que os afixos ganham e perdem peso funcional, e que este é alterado em função de factores diversos. Sabemos que alguns sufixos se desgastam, uns se encontram mais na moda que outros, alguns ganham traços de expressividade e/ou de subjectividade. Por isso o léxico, como codificador da cosmovisão dos falantes, é simultaneamente promotor de mudança e objecto desta.

Os padrões de nominalização derivacional acusaram no período em apreço uma significativa convulsão, que se traduz não pela eliminação de paradigmas genolexicais, mas pela reordenação de alguns dos seus operadores. Essa convulsão é certamente devida a factores intraparadigmáticos mas também a factores de ordenamento do próprio léxico que, à época, regista um enorme acréscimo de novas unidades, mormente das de semântica mais abstracta denotadoras de propriedades, estados, processos, em consonância com o teor filosófico e especulativo dos textos então produzidos.

O imperativo de ampliar o léxico vernáculo para satisfazer as necessidades de codificação de novos conceitos, viria a traduzir-se por uma intensa criação de cultismos portugueses (MAIA, 1999, p. 89ss) que enriqueceram notoriamente o património hereditário de origem greco-latina do léxico português de então.

O surgimento de novas palavras, quando convoca mecanismos de derivação, interfere com os recursos afixais disponíveis, obrigando a uma reorganização dos mesmos, privilegiando uns e postergando outros.

Mas de que constam as alterações afixais? Há alterações na selecção preferencial de um ou de outro sufixo? Uns deixam de ser usados ou preferidos e passam a preteridos? E devido a que factores? Há modificação das propriedades de coocorrência e/ou das restrições de selecção dos sufixos? Há combinatórias morfolexicais — pontuais ou não — que não ocorrem mais? Pode dizer-se que as mudanças afectam os paradigmas, não na sua essência, mas nas condições de coindexação e de ocorrência de alguns dos seus sufixos?

Para tentar dar resposta a estas questões, vamos observar dados extraídos de *O Leal conselheiro* sobre a formação de nomes heterocategoriais de estado e/ou de evento, por serem aqueles que melhor sinalizam a inflexão derivacional que consideramos caracterizadora do português médio.

#### 4.1 Nomes deadjectivais e o nomes de evento/estado deverbais

Algumas das mudanças então registadas são sensíveis no âmbito da selecção preferencial de alguns sufixos de dois paradigmas que se intersectam (cf. Quadro 3): o dos nomes abstractos deadjectivais e o dos nomes de evento/estado deverbais. Tendo ambos os paradigmas grande cópia de afixos, era natural que a língua, num período de acentuação e reordenamento, se disciplinasse também no sector derivacional.

**Quadro 3: Distribuição dos sentidos de Evento e/ou de Estado pelos nomes deverbais e deadjectivais (sinal +: presença; sinal -: ausência)**

Sentidos	Nomes deverbais	Nomes deadjectivais
EVENTO	+	-
ESTADO	+	+

Os sufixos nominalizadores deverbais *-ção* e *-mento* formam nomes de evento e/ou de estado e os nominalizadores deadjectivais *-idade*, *-eza*, *-ia*, *-ura* formam nomes de propriedade e/ou de estado. O sufixo *-nça*, sendo essencialmente verbal, forma nomes de estado e/ou de evento (RIO-TORTO 2002, p. 457ss).

Observemos as alterações registadas no *Leal Conselheiro* no âmbito dos nomes sufixados em *-eza* e em *-nça*. Curiosamente, estes dois sufixos têm em comum o facto de remontarem a formas etimológicas portadoras de /i/ breve (respectivamente *-ĪTĪA* e *-NTĪA*), mas está por demonstrar que tal circunstância tenha influenciado no seu percurso dentro do português.

Até então o sufixo *-eza* dispunha de relativa força funcional, estando atestado em muitos nomes que perduram até aos nossos dias (*avareza*, *firmeza*, *fraqueza*, *grandeza*, *largueza*, *limpeza*, *riqueza*, *tristeza*).

Mas este sufixo, que se combina essencialmente com bases morfológicamente simples (cf. *cruzeza, fineza, pobreza, rudeza, curteza*, sem substituto posterior), perdeu terreno face a *-idade*, que se afirma como mais disponível, até porque tem um leque de possibilidades combinatórias mais acentuado, unindo-se a bases diversamente sufixadas, como em *-al* (*territorialidade*), *-ar* (*familiaridade*), *-ic-* (*periodicidade*), *-iv-* (*produtividade*), *-os-* (*porosidade*), *-bil[vel]* (*adaptabilidade*). Muitos dos nomes em *-eza* registados no *Leal Conselheiro* foram substituídos por nomes portadores de outros sufixos, tais como *-ez* (3 em 9: *escacese: escassez; madureza: madurez; pequenez: pequenez*), *-ura* (1 em 9: *blandez: brandura*) e *-idade* (4 em 9: *graveza: gravidade; igualleza: igualdade; madureza: maturidade; simpleza: simplicidade*). Este sufixo viria a tornar-se o mais disponível de então para cá, como se observa pela preservação de muitos dos nomes já então averbados.<sup>6</sup>

O declínio de *-eza*, que deixou de estar disponível para novas denominações, inscreve-se, pois, na linha de afirmação de *-idade* como sufixo dominante do paradigma de formação de nomes deadjectivais. Mas porque a língua não é um fenómeno exacto, curiosamente *levydade* viria a ser substituído por *leveza*. Paralelamente, a preferência por *-ez* (*aridez, fecundez, morbidez*) inscreve-se na linha de relatinização da língua, que se contrapõe ao carácter popular e tradicional dos nomes em que *-eza* ocorre (*braveza, certeza, pobreza, rudeza*).

Também muitos nomes em *-nça* deixariam de ser usados, sendo substituídos por outros que viriam a colher a preferência dos falantes de épocas posteriores.

Numa fase de relatinização da língua, é natural que alguns dos nomes em *-nça* (*avondança, concordança*) tenham sido substituídos pelos corradicais em *-ncia* (*abundância, concordância*). Outros deixaram de ser usados (*estremança*) ou foram substituídos por post-verbais (*desesperança > desespero; desgovernança > desgoverno; desvairança > desvairo; mostrança > mostra* (coexistente com *mostramento*); *mudança > muda* (coexistente com *mudamento*)). O peso crescente de *-idade* faz-se sentir na substituição de *desigualança* por *desigualdade*, *igual(d)ança* por *igualdade*.

Sendo *-nça* uma forma sentida como arcaica, é o correlato *-ncia* que lhe viria a suceder em nomes que perduram até aos nossos dias, como *alternância, discordância, implicância, traficância, vivência*. O sufixo *-nça*, uma vez limitado na sua disponibilidade para formar nomes de estado, como *bonança, maridança, semelhança*, viria a adquirir valores expressivos e/ou de intensidade (*comilança, festança, papança*), tendo actualmente um peso residual no sistema derivacional. Para o declínio deste sufixo deve também ter contribuído o facto de muitos dos nomes em que ocorre desde cedo terem sido objecto de cristalizações de sentido (v.g. *crença(s), criança, doença*, [estar de] *esperança(s), lembrança(s), poupança(s)*), que obliteram de algum modo a especificidade da informação semântica do sufixo.

Em nosso entender, verifica-se na época em análise uma distribuição mais clarificada entre os sufixos (i) que passaram a estar adstritos predominantemente à formação de

6 Dos nomes em *-idade* registados no *Leal Conselheiro* (*averssydade, castidade, contrariedade, enfirmidade, famylarydade, frieldade, graciosidade, humildade, liberallidade, lealdade, occiosidade, purydade*), apenas *cujidade* não tem continuidade posteriormente; *infildade* veio a ser substituído por *infidelidade*.

nomes de estado e/ou de propriedade deadjectivais, com *-idade* à cabeça, e os que (ii) passaram a estar associados prevalentemente ao paradigma de formação de nomes deverbais de evento: *-ção* e *-mento*. Os nomes deverbais são predominantemente (mas não exclusivamente) denotadores de eventos, pois codificam também estados e/ou resultados e produtos. Nesta medida, o sufixo *-nça* que, sendo deverbal, forma mais nomes de estado que de evento (RIO-TORTO; ANASTÁCIO, 2004), tem uma identidade mais difusa, que viria a revelar-se pouco consentânea com a estabilidade funcional requerida pela organização gramatical que ocorre neste período. Tal não quer dizer que, aquando da coexistência de nomes corradicais, o que era portador do sufixo *-nça* tenha deixado de ser liminarmente usado. A análise dos roteiros de alguns derivados corradicais (3.3.) portadores de *-nça*, *-mento* e *-ção* mostra que são heterogêneas as soluções encontradas.

Como os sufixos *-nça*, *-mento* e *-ção* são operadores de nominalização deverbal, importa analisar as suas propriedades de natureza aspectual, em ordem a uma clarificação da importância destas para a explicação das mudanças registadas.

## 4.2 Propriedades aspectuais dos sufixos

De acordo com o estudo realizado por Rodrigues (2008), as propriedades aspectuais dos sufixos *-ção*, *mento* e *-nça* são bem diferenciadas no português contemporâneo. O sufixo *-ção* é caracterizado por uma marca aspectual eventiva e resultativa; os nomes em que ocorre (*helenização*, *parasitação*) podem denotar eventos, objectos, propriedades, estados e são marcados pelo traço [efectuação]. O sufixo *-mento* é um nominalizador eventivo estrito, pelo que os derivados em que ocorre (*internamento*) são marcados pelo traço [processo]. Os nomes portadores deste sufixo codificam o evento no seu decurso processual, e não na obtenção imediata do evento, como acontece com os deverbais em *-ção*. Por seu turno, o sufixo *-nça* é definido pelo traço [constância], [estado, capacidade, característica, aptidão, qualidade intrínseca], o que faz com que muitos dos seus produtos apresentem prevalentemente uma significação de estado vs de evento (61% contra 16%). A tendência que os nomes em *-nça* têm para denotar a moldagem estativa do evento ou o próprio estado justifica-se pelo predomínio de bases inacusativas (*avondança*, *nascença*, *perlongança*, *trigança*) e inergativas (*andança*), para recorrer a derivados já atestados no português medieval.

Admitindo-se que as necessidades denotativas que os nomes em *-ção*, *mento* e *-nça* satisfazem actualmente e que as condições de combinatória dos sufixos não se terão alterado do português médio para cá, não poderá estar nas marcas aspectuais destes a chave explicativa das mudanças registadas. Mas não sabemos se a actual organização aspectual é comum ao português médio, e se as propriedades argumentais dos verbos eram, ou não, diferentes das do português contemporâneo. Por outro lado, os valores aspectuais assinalados são valores prototípicos, que não excluem outros colaterais e mais periféricos.

Assim, e porque a substituição sufixal não deve ter sido imotivada, é de admitir que ela tenha obedecido a um desiderato de optimização do sistema.

Uma hipótese explicativa pode estar relacionada com a natureza intransitiva das bases. Como já antes observámos em relação a *-eza*, as condições de combinatória mais restritas propiciam o declínio de representatividade. Ora, estando *-nça* associado, ainda que de modo não exclusivo, a bases intransitivas, que constituem um segmento bastante restrito da esfera verbal, o espaço funcional deste sufixo foi ocupado por outros recursos derivacionais, sejam *-ção* e *-mento*, seja a formação post-verbal. Mas esta é uma reflexão a levar a cabo, em outro momento.

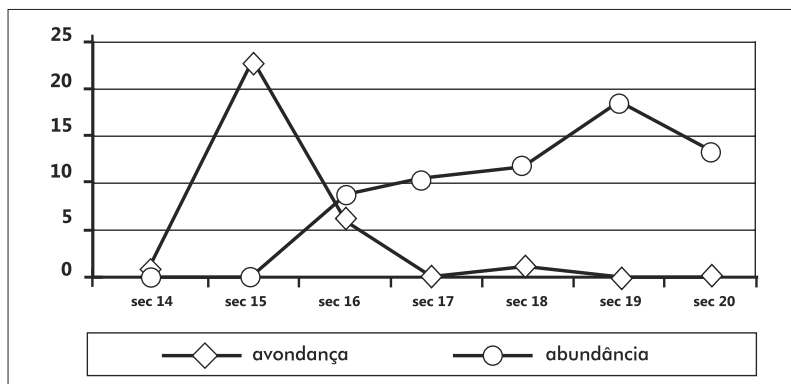
### 4.3 Roteiros de alguns conjuntos de nomes corradicais

A análise das mudanças sufixais verificadas em conjuntos corradicais pode trazer alguma luz sobre algumas das eventuais razões que as motivam. As mudanças podem traduzir-se (i) em desaparecimento de uma forma sufixada, que entretanto terá sido substituída por outra (ii) e/ou em coexistência com outras isofuncionais. Com efeito, quando no léxico há coexistência de duas formatações sufixais corradicais, estas podem ser formas concorrenciais que, sendo equivalentes, ocorrem em alternativa, como poderá ter sido o caso de *ensinança* e *ensinamento*, ou podem ser formas semanticamente diferenciadas, como *radiância* e *radiação*.

Observemos então de perto as movimentações de produtos corradicais sufixados em *-nça*, *-ncia*, *-mento*, *-ção*. São essencialmente de quatro tipos as soluções encontradas.

- (I) **Descoincidência parcial no tempo** entre *-nça* e *-ncia*, com eliminação do derivado em *-nça*: verifica-se em *avondança* e *abundância*, pois não há registo deste nos sécs. XIV e XV; a coexistência só tem lugar no séc. XVI.

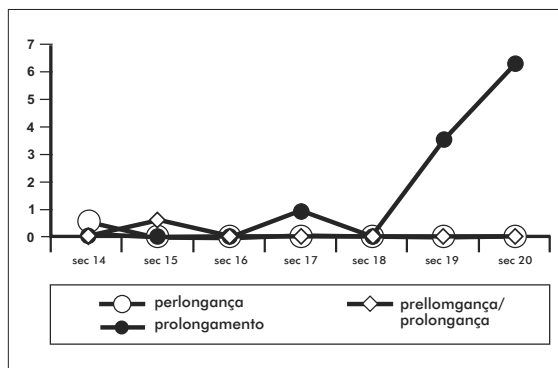
*Avondança e abundância*  
(ocorrências por milhão e por século no / [www.corpusdoportugues.org/](http://www.corpusdoportugues.org/))



- (II) Uma solução de **descoincidência absoluta no tempo**, com eliminação do derivado em *-nça*, é a que envolve *perlongança*, *prellomgança*, *prolongança* e *prolongamento*, pois *perlongança* (uma só ocorrência, no séc. XIV), *prellomgança* (CDPMenezes 1463) e *prolongança* (D. Pedro, *Benfeitória*, séc. XV), foram substituídos por *prolongamento* (sec. XVII), nome não abonado anteriormente.

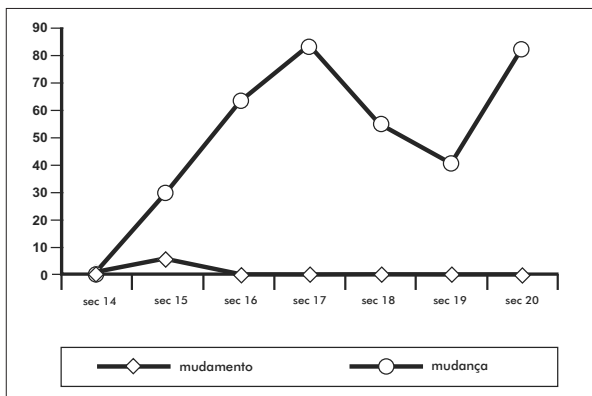


**Prellongança, prolongança e prolongamento**  
(ocorrências por milhão e por século no /www.corpusdoportugues.org/)



(III) **Descoincidência parcial no tempo**, com manutenção do derivado em *-nça*: em *começamento* e *começo*, *cuydações* e *cuidado*, *mudamento* e *mudança* houve coexistência de produtos corradicais na época em apreço, sendo que um dos produtos (*começamento*, *cuydações*, *mudamento*) desaparece posteriormente. Representa uma situação rara o facto de o nome preservado ser portador de *-nça*.

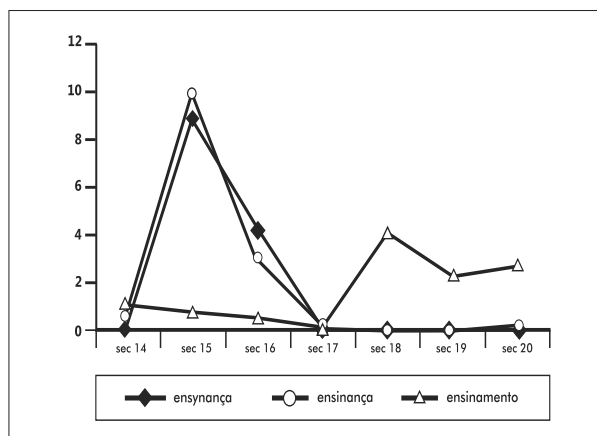
**Mudamento e mudança**  
(ocorrências por milhão e por século no /www.corpusdoportugues.org/)



(IV) Uma solução de **coexistência em todos os séculos**, ainda que com graus diferentes de utilização, é a dos pares *governança* e *governação*, *emsinança* e *ensinamento* e (*h*)*usança* e *uso*. Nestes casos pode haver paridade de uso entre os derivados, o que parece acontecer com *governança* e *governação*, ou um dos derivados ser sentido como mais arcaico e/ou residual que outro, o que ocorre com *emsinança* e (*h*)*usança* face a *ensinamento* ou *ensino* e face a *uso*, respectivamente. Esta coexistência pode dar origem a uma especialização de sentido de cada um dos nomes corradicais (v.g. *ensinamento* e *ensino*),<sup>7</sup> rentabilizando assim os recursos lexicais.

<sup>7</sup> Pelo que nos foi dado observar, *ensinança* e *ensinamento* funcionaram no português médio como sensivelmente equivalentes, ainda que, em função do contexto, a sua interpretação possa oscilar entre 'lição, processo e/ou resultado de ensino, de conhecimento, experiência, doutrina'.





O percurso destas unidades lexicais corradicais diversamente sufixadas revela que, ao contrário do que se espera de sistemas económicos e otimizados, a língua convive bem com unidades corradicais coocorrentes, que não são necessariamente concorrentes/competitivas ou complementares entre si.<sup>8</sup>

No que diz respeito aos recursos afixais, houve efectivamente mudanças de preferência ou de prevalência sufixal entre *-nça*, *-mento* e *-ção*. Independentemente das motivações que estão na base da emergência de novos derivados deverbais portadores de sufixos diferentes dos antes seleccionados, verifica-se que em alguns casos há coexistência de derivados corradicais (*governança*, *governança*), e em outros uma forma se terá sobreposto em absoluto à outra (*perlongança* e *prolongamento*). Na primeira circunstância, terá havido distinção e especialização das formas coexistentes. Na segunda, os nomes corradicais não deveriam ser complementares, mas equivalentes, tendo assim o léxico prescindido de uma forma sufixada.

## Conclusões

O período da história da língua a que se convencionou chamar o português médio (séculos 14-15) corporiza um período de mudanças que se fazem sentir também aos níveis derivacional e lexical. Dois paradigmas derivacionais em que essas mudanças avultam são os que envolvem formação de nomes de adjetivos e de nomes deverbais. No primeiro, o sufixo *-eza* é relegado em muitos nomes por outros sufixos, nomeadamente *-ez*, *-ura* e sobretudo *-idade*. No segundo, o sufixo *-nça* é substituído por *-ncia*, por *-mento*, por *-ção* e/ou, em alguns casos, o nome em que ocorre desaparece do léxico disponível.

Por conseguinte, no português médio, e face aos textos do português arcaico em sua primeira fase, as formas corradicais diversamente sufixadas deixaram de estar tão representadas ou uma delas foi eliminada, o que significa que a língua se estava progressiva-

<sup>8</sup> Como observa Hamawand (2008), assim acontece também em inglês.

mente a disciplinar, optando por soluções mais inovadoras e certamente mais prestigiadas socialmente.

Na época em causa, teve lugar uma efectiva reorganização do sistema afixal, pois *-eza* e *-nça* tornam-se indisponíveis para a formação de nomes deadjectivais e de evento/estado, respectivamente. As perdas e ganhos sufixais podem ter a ver com preferências e marcas de arcaicidade e/ou de desniveação que afectam certos operadores. Mas a um diminuto grau de rentabilidade e a condições de combinatória mais restritas corresponde geralmente perda de disponibilidade e, logo também, de produtividade. Ora, uma vez que os paradigmas tendem a otimizar-se reduzindo o número de operadores aos mais actantes, aos mais rentáveis, e aos dotados de um espectro combinatório mais alargado, a competição entre sufixos que poderiam ser mutuamente excluintes entre si só pode diminuir, em nome da coesão acrescida do sistema.

Os dados numéricos mostram que houve alterações sensíveis na ocorrência e na representatividade de alguns sufixos, mormente na segunda fase do português arcaico. Sejam quais forem as motivações das mudanças registadas, a cronologia destas revela que nesta fase a língua incorporou um processo de mudança indelével, que a afasta definitivamente do português arcaico. O abandono de unidades lexicais e afixais mais antigas reflecte a dinâmica de emancipação e de legitimação da língua e da sociedade portuguesas de então.

Assim, aos traços elencados em 1. como característicos das mudanças operadas no português médio, há-de acrescentar-se o que envolve a indisponibilização de *-nça* como operador de nominalização deverbal. A inflexão morfo-lexical que este facto consubstancia sinaliza a emergência de uma nova gramática derivacional, que perdura até aos nossos dias.

Um derradeiro aspecto deve ser salientado: neste caso, foram os afixos os instrumentos de mudança; todavia, esta reflecte-se não apenas na organização dos paradigmas derivacionais, mas sobretudo ao nível do léxico, e mais especificamente no seu conjunto de unidades derivadas. Esta realidade explica o aparente paradoxo da usura e indisponibilização de certas formas sufixais (vg. *-nça*), e a sua pervivência até à actualidade em alguns nomes (*governança*), que continuam a coexistir com outros produtos corradicais, mas diversamente sufixados.

## Referências

- CARDEIRA, Esperança (2005). *Entre o português antigo e o português clássico*. Lisboa: IN-CM.
- CASTRO, Ivo de (1993). A elaboração da língua portuguesa no tempo do infante D. Pedro, *Biblos*, Coimbra, v. LXIX, p. 97-106.
- CASTRO, Ivo de (2006). *Introdução à história do português*. 2ª edição revista e muito ampliada. Lisboa: Edições Colibri.
- COELHO, Juliana Soledade Barbosa (2004). *Semântica morfolexical: contribuições para a descrição do paradigma sufixal do português arcaico*. Tese de Doutoramento. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael (2006-). *Corpus do português* (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.
- DIAS, João José Alves (1982). *Livro dos conselhos de El-Rei D. Duarte*. Edição diplomática. Transcrição de João José Alves Dias. Introdução de A. Oliveira Marques e João José Alves Dias. Lisboa: Editorial Estampa.
- GALVES, Charlotte et al. (2006). Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: ENDRUSCHAT, Annette; KEMMLER, Rolf; SCHAFER-PRIET, Barbara (Org.). *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag, p. 45-75.
- HAMAWAND, Zeki (2008). *Morpho-lexical alternation in noun formation*. New York: Palgrave Macmillan.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986). *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência ao galego moderno)*. Coimbra: I.N.I.C. Reimpressão 1997.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1994). Tratado de Tordesilhas: algumas observações sobre o estado da língua portuguesa em finais do séc. XV. *Biblos*, Coimbra, v. 70, p. 33-91.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1995). Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a diferença entre português arcaico e português moderno. *Diacrítica*, Braga, n. 10, p. 3-30.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1999). A herança latina na língua portuguesa. In: *Actas do I Congresso da APEC. Raízes greco-latinas da cultura portuguesa*. Coimbra: Faculdade de Letras. p. 85-98.
- MARTINS, Oliveira (1993 [1891]). *Os filhos de D. João I*. Lisboa: Guimarães Editores.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989). *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1994). *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo/Salvador: Contexto/EDUFBA.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2002). Reconfigurações socioculturais e linguísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio (Org.). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA, UEFS. p. 27-41.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2008). *O português arcaico: uma aproximação. Vol. I. Léxico e morfologia*. Lisboa: IN-CM.
- OLCOTT, George N. (1898). *Studies in word formation of the Latin inscriptions substantives and adjectives. With special reference to the Latin Sermo Vulgaris*. PhD Faculty of Philosophy Columbia University. Rome: Salustinan Tipography.
- OLIVEIRA, Fernão de (2000 [1536]). *Gramática da linguagem portuguesa*. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção, com um estudo introdutório do Prof. Eugenio Coseriu. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- PIEL, Joseph-Maria (1942). *Leal Conselheiro o qual fez Dom Eduarte rey de Portugal e do Algarve e senhor de Cepta*. Edição crítica e anotada organizada por. Lisboa: Bertrand.
- RIO-TORTO, Graça (2002). Morfossintaxe e semântica dos nominais derivados. In: MATEUS, Maria Helena Mira; CORREIA, Clara Nunes (Org.). *Saberes no tempo: homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Colibri. p. 457-470.

RIO-TORTO, Graça; ANASTÁCIO, Conceição (2004). Estrutura e interpretação dos nomes de predicativos em português. In: RIO-TORTO, Graça (Coord.). *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Livraria Almedina. p. 187-220.

RODRIGUES, Alexandra Soares (2008). *Formação de substantivos deverbais sufixados em português*. München: Lincom. (Studies in Romance Linguistics 57).

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de (1930). Inéditos de D. Carolina Michaëlis. *Revista Lusitana*, 28 (1-4), p. 16-41.

VASCONCELOS, José Leite de (1928). *Opúsculos I*, parte I. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

#### **Fonte electrónica**

Folha de São Paulo (on-line): <http://www.folha.uol.com.br/>